

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos.
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Estética de Resistência, Educação e Diversidade

Luana da Costa Fonseca – PUC-Rio

Resumo: esse artigo surgiu da sistematização dos estudos para a aplicação da Lei Federal nº 10.639/03, uma das metas do projeto visa discutir o enfrentamento do racismo a partir da abordagem da estética de resistência do corpo e cabelo negro. A partir disso, buscar a afirmação identitária, embasado que um “sujeito social se constitui nas relações sociais” Cunha Jr (2005) a emancipação e a afirmação da identidade requerem relações verdadeiramente humanas. Não existe ‘empoderamento’ para indivíduos isolados. A escola tem um papel fundamental na construção identitária da/do aluna/o negra/o, pois a/o professora/o lida com a/o aluna/o concreto e essa/o aluna/o é a síntese de inúmeras relações sociais. A identidade é definida por essa síntese que fazem sentido para um determinado grupo social. A estética aqui pode ser compreendida como percepção, o que vestimos, o modo que usamos o cabelo transmitem a noção de estética que queremos construir. Deste modo, a estética faz parte da estrutura da identidade. O projeto tem como objetivo observar que a autoafirmação e a autoestima dessas/os alunas/os está relacionada com o melhor desempenho nos estudos e nas relações sociais.

Palavras-chave: racismo; identidade; educação

Introdução

Esse artigo surgiu da sistematização dos estudos para a aplicação da Lei Federal nº 10.639/03, em uma escola estadual da cidade do Rio de Janeiro. Estudos estes que se manifestaram a partir que o PIBID Sociologia PUC-Rio se inseriu na escola. O PIBID – Programa Institucional de Iniciação a Docência – proporciona um diálogo entre professores universitários, alunas/os de graduação e professores da educação básica e consequentemente estimula a pesquisa e valorização da prática docente, renovando as relações aluno; professor e escola, ampliando os olhares para trabalhar com as diversidades e incentivando a/o graduanda/o a responder e compreender a realidade social, política e cultural dentro desse contexto escolar.

O PIBID Sociologia PUC-Rio, tem como uma das suas principais identidades trabalhar a construção de pertencimento e apropriação do espaço escolar e com isso aprofundar o respeito das diversidades. O projeto de aplicação da Lei 10.639/03 surgiu dessa mediação de equilibrar e compreender a relação aluna/o e escola e todas as particularidades.

Uma das metas do projeto visa discutir o enfrentamento do racismo a partir da abordagem da estética de resistência com o foco no cabelo negro. A identidade é definida por síntese de diversos fatores sociais, fatores esses que fazem sentido para um determinado grupo social, o professor que lida com a/o aluna/o concreto em seu cotidiano essa/o aluna/o é a síntese dessas inúmeras relações sociais.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos.
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

No contexto escolar, discutir essas relações sociais priorizando o campo étnico racial é buscar relevância e a necessidade da discussão sobre identidade e a autoafirmação. A autoafirmação da identidade negra é construída na troca, na experiência e representatividade, não existe ‘empoderamento’ para indivíduos isolados, sobretudo quando se transfere “idealisticamente o problema do plano das contradições objetivas para o da psicologia social individual”. (MEZAROS, 2002, s/p) O racismo é e “está institucionalizado na discriminação sistemática de pessoas negras sofrem no trabalho, moradia, no sistema educacional e no assédio pela polícia e autoridades de controle e migração”. (CALLINICOS, 2000, p.4)

Um dos objetivos do trabalho é buscar a experiência de aceitação e identificação de suas características. Aceitar a negritude, não querer disfarçar as características mais visíveis, como por exemplo, o cabelo. A escola que se localiza na Gávea, zona sul do Rio de Janeiro, porém é constituída em sua maioria por alunas/os das favelas do Vidigal e Rocinha e na contextualização histórica, em sua maioria negra. O ambiente escolar por muitas vezes reforça o padrão estético ocidentalizado, o que dificulta a construção e o reconhecimento da identidade negra. A escola precisa saber lidar com situações discriminatórias, com argumentos sólidos, buscando sempre apoio em literaturas que antes não eram consultadas.

A Lei Federal 10.639/3, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, afirma que “garantir o direito de aprender implica em fazer da escola um lugar em que todos e todas sintam-se valorizados e reconhecidos como sujeitos de direito em sua singularidade e identidade” (LDB, 2009, p. 2). Em resumo, a escola precisa ser um ambiente acolhedor e que reconheça as diferenças e que estimulem a autoestima das/dos alunas/os negras/os que historicamente são marginalizados, principalmente dentro do contexto escolar. A valorização das identidades é um passo fundamental para reestabelecer o prazer de estar na escola e pertencer ao espaço junto com os demais.

Racismo e Identidade

Racismo e identidade são temas importantes que precisam estar presentes na escola, mas, as questões sociais a tomam de sobressalto, as intenções isoladas pouco podem fazer. E a compreensão e percepção que o cabelo negro tem um significado social dentro e fora

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos.
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

do ambiente escolar, o cabelo pode ser considerado expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil e trabalhar a revalorização do cabelo no ambiente escolar é de extrema importância, pois trabalha um resgate da ancestralidade e a consciência da sua beleza e conseqüentemente o pertencimento. Como diz Neusa Santos Souza: “ser negro no Brasil é tornar-se negro”. (SOUZA, 1990, p. 77) A compreensão do “tornar-se negro” dentro do contexto de discriminação orienta o nosso olhar para a necessidade de considerar como que a identidade se constrói no plano simbólico.

O cabelo negro na sociedade brasileira expressa o conflito racial vivido por negros e brancos em nosso país. Considerando a construção histórica do racismo brasileiro, a negação da estética negra e a institucionalização do cabelo ‘ruim’ *versus* o cabelo ‘bom’, o cabelo ‘ruim’ é a expressão do racismo e da desigualdade racial.

Compreende-se então, que para o negro, a intervenção no cabelo é mais que uma questão de vaidade ou estética e sim, uma questão identitária. E a escola tem um papel de mediação desses conflitos e de afirmação da identidade e diversidade. A expressão estética negra é inseparável do plano político, econômico e do espaço de pertencimento. Aqui fazendo o recorte para o gênero, mulheres negras são socialmente desvalorizadas em todos os níveis, as valorizações do padrão de beleza ocidental são reforçadas nos bancos escolares e trabalham com o aprofundamento do racismo e a descaracterização da mulher negra e o isolamento da sua cultura e o aprofundamento da sua baixa estima.

Os espaços urbanos e sociais que vivemos a complexificação das sociedades dificultam a construção social da identidade, os mapas de orientação são tortuosos e contraditórios. A fluidez das fronteiras de uma cidade mexe com os códigos de emoção e estilo de vida que são ancorados em leis simbólicas de grupos. A dinâmica do espaço escolar solidifica ainda mais os códigos e os estilos de vida, os engessamentos das práticas escolares não se equilibram com a fluidez das fronteiras dos espaços urbanos. O cabelo e o corpo negro são códigos e linguagens da sociedade brasileira, elas representam e vão além da moldura escolar. O engessamento das práticas escolares, principalmente as escolas públicas e particulares brasileiras trabalham com o ideal de igualdade que deságua na democracia racial e com isso oculta os conflitos raciais.

O estilo do cabelo e o sentido de subjetividade que atribuímos se relaciona com o espaço e a expressão a ser passada, que pode ser usado para camuflar o pertencimento étnico/racial ou o reconhecimento de suas raízes. A aplicação da lei 10.639/03 na escola estadual busca enfatizar esse reconhecimento de raízes e a partir de alguns depoimentos de

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos.
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

alunos é possível identificar essa transformação não só de reconhecimento como também pertencimento ao seu lugar de fala e dentro do ambiente escolar.

Como por exemplo, a fala de Dara¹, aluna do 2ª ano do Ensino Médio: “Eu sou muito forte, a minha vida sempre foi luta. Sou negra e mulher, esse é o meu cabelo, esse é o meu jeito de ver a vida e as pessoas tem que aceitar isso.” Podemos destacar que ela coloca a negritude à frente definição de mulher. Compreende-se então, um ‘empoderamento’ do coletivo para o individual, uma resposta a todos os processos de exclusão, estereotipação e distorções raciais. É um ato pequeno, mas o depoimento da Dara revela o poder da fala e o pertencimento ao espaço escolar e suas raízes. Aqui podemos destacar a importância da inserção de alunos de graduação via PIBID em escolas públicas, pois é um passo fundamental para a renovação e diálogos mais sólidos entre a universidade e a escola e a construção de um espaço escolar mais atento à realidade das/os alunas/os.

A discussão sobre a estética de resistência na escola é cotidiana, tendo em vista que algumas construções são legitimadas e institucionalizadas, como a ideia do cabelo ‘ruim’ *versus* o ‘bom’ produzindo desigualdades e sendo determinantes no processo de exclusão. Porém, nessa discussão cotidiana, além da marcação da estética negra, a classe, o gênero, a opção política e a opção sexual são interligadas e estão na fluidez das fronteiras, como dito acima. Na discussão, é possível de observar as distintas formas de se colocar e agir no meio social, pensar a identidade circunscrita da ideia de raça que perpassa não somente a categorização de si, e que se estabelece a partir da identificação com o outro e a escolha que o ator social faz da sua identidade, a partir da sua trajetória de vida, suas características e o seu processos de individualização.

Racismo e Espaços

A partir dessas abordagens da estética do corpo e cabelo negro como ferramenta de enfrentamento do racismo, o projeto remodelou algumas mesas e rodas de conversa, trazendo também as interações das discussões sobre identidade que é construída historicamente em meio a mediações que diferem de cultura para cultura.

O projeto também se propôs a discutir com mais aprofundamento sobre a construção de se ‘tornar negro’ e o alinhamento com as pesquisas políticas sobre o racismo estrutural e institucionalizado.

¹ Neste trabalho, atribuímos nomes fictícios aos entrevistados.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos.
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

O sociólogo Pierre Bourdieu ao escrever sobre as transformações no sistema escolar evidencia que o sistema escolar contém fronteiras fortemente traçadas e marcadas e levam a interiorização das divisões escolares que conseqüentemente as divisões sociais, um sistema de classificações imprecisas e a hierarquização simbólica.

O processo de identidade social sem espaço para a compreensão da diversidade possibilita a instabilidade estrutural, e a crise social passa ser a individual, e esse sistema escolar perdura até os dias de hoje reforçando as classificações meritocráticas.

Vê-se como é ingênua a pretensão de resolver o problema da "mudança social" atribuindo à "renovação" ou à "inovação" um lugar no espaço social - para uns, o mais elevado e para outros, o mais baixo - sempre alhures, em todos os grupos "novos", "marginais" e "excluídos", para todos aqueles cuja primeira preocupação consiste em introduzir, a qualquer preço, a "renovação" no discurso: caracterizar uma classe como "conservadora" ou "inovadora" - sem precisar sob qual aspecto - é, recorrendo tacitamente a um padrão ético, situado necessariamente no ponto de vista social, produzir um discurso que, praticamente se limita a dizer o lugar de onde se articula porque faz desaparecer o essencial, ou seja, o campo de lutas como sistema de relações objetivas no qual as posições e tomadas de posição definem-se relacionamente e que domina ainda as lutas visam transformá-lo: é somente com referência ao espaço de disputa que as define que elas visam manter ou redefinir, enquanto tal, quase completamente, que se pode compreender as estratégias individuais ou coletivas, espontâneas ou organizadas, que visam conservar e transformar ou transformar para conservar. (BOURDIEU, 2013, p.151)

Com discussões e compreensões mais embasadas, a interdisciplinaridade é a pauta principal de todo o projeto, pois é a ação educativa mais viável. As conversas e debates saíram na moldura estabelecida e se transformaram em discussões cotidianas e chegaram a outras aulas, possibilitando o exercício interdisciplinar. “A viabilidade política de um projeto social, propriamente dita, dependerá de sua eficácia em mapear o sentido às emoções e sentimentos individuais” (VELHO, 2004, p.33). Esse alcance singular do projeto de mapeamento das emoções e sentimentos é a linha mais tênue e o ponto mais difícil de explorar, por exemplo, quando ouvimos a seguinte frase após a uma conversa

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos.
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

sobre os processos de exclusão histórica, “me sinto triste quando alguém fala mal do meu cabelo, mas eu só choro em casa”.

Essa frase dita por uma menina de 16 anos que está em processo de transição capilar e com baixa estima e conseqüentemente relações estremecidas no espaço escolar e notas baixas. A frase dessa menina revela todos os privilégios negados e a sustentação do padrão de beleza eurocêntrico imposto. E para além dessa moldura, existe ainda a questão de classe, que enfatiza mais ainda a distinção por não ter o poder de compra. Trazendo novamente Bourdieu para a discussão sobre a realidade da representação e representação da realidade.

Os sujeitos classificantes que classificam as propriedades e as práticas dos outros, ou as deles próprios, são também objetos classificáveis que se classificam (perante aos outros) apropriando-se das práticas e propriedades já classificadas (tais como vulgares ou distintas, elevadas ou baixas, pesadas ou leves, etc., ou seja, em última análise, populares ou burguesas) segundo sua repartição provável entre grupos, eles próprios classificados; as mais classificantes e as mais classificadas dessas propriedades são, evidentemente, aquelas que são expressamente designadas para funcionar como *sinais de distinção* ou *marcas da infância* (...) (BOURDIEU, 2013, p.446)

Retomando a estética do corpo e cabelo negro e trabalhando a distinção dos penteados característicos, como as tranças ou *box braids*, existe a hierarquização entre as/os negras/os e isso realça o processo de competição/reprodução e destaca a classe dentro da questão de hierarquização. Porém é importante destacar aqui, que não existe hierarquia de opressão, como muito bem salientado pela intelectual Audre Lorde. O projeto como é contínuo não tem um prazo para terminar e sim para desenvolver cada vez mais discussões sobre formas de enfrentamento do racismo e busca do pertencimento com a sua identidade e o seu lugar de fala em diferentes ambientes.

As classes e suas classificações se constituem na busca pela diferenciação/distinção dentro de estruturas sociais incorporadas. A busca simbólica por se distinguir até dentro do seu próprio grupo de pertencimento, sublinha mais uma vez o complicado processo de individualismo e isolamento.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos.
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Em uma das rodas de conversa realizada na hora do almoço, uma menina chorava desesperadamente, pois alguém tinha escrito na porta da sala “Beta, não tira nem a peruca para lavar” e ela dizia alto: “eu tenho certeza que foi uma menina com o cabelo igual ao meu que escreveu isso”. Essa questão desencadeou em discutir a política do julgamento e o processo de distinção e individualismo ao invés da busca do coletivo.

A autoafirmação da estética que equilibra estrutura da identidade com o pertencimento tem que ser construída de forma coletiva, não deixando a valorização individual, mas equilibrando e proporcionando desenvolvimentos de fala política dentro do contexto de reproduções de racismo no espaço escolar e fora dele. É necessário que as/os professora/es estejam preparados para quebrar essas estruturas do racismo estrutural e transformar em ação de enfrentamento do racismo.

A busca por representações de falas, líderes negras/os, convites a professores negras/os, luta pela mudança na grade escolar para o estudo da lei 10.639/03 e inserção desses intelectuais no cotidiano da escola é essencial para a autoestima e valorização das raízes de matriz africana, e o PIBID Sociologia PUC-Rio, tem como princípio levar esses representantes nas escolas para a participação nas rodas de conversa, palestras, debates. Buscando novamente ampliar as discussões, Bourdieu foi necessário para trabalhar questões dos capitais culturais e o habitus, "a proposição fundamental que define o habitus como necessidade que se torna virtude nunca é experimentada com tanta vontade evidência que quanto no caso das classes populares." (BOURDIEU, 2013, p. 350)

O gosto da necessidade devolvida pela competição e imposições de uma estrutura com modelo padrão e que impõe formar e de obrigada a ter o gosto por certos produtos para se encaixar e identificar com certos grupos e pertencer ao padrão dito o 'certo'. Faz com que a competição cresça entre pessoas do mesmo grupo, trabalhando aqui com a questão racial. A disputa entre obter os melhores produtos para cuidar a estética potencializa uma distinção e uma reprodução desnecessária e enfatiza os capitais culturais, econômico. Após alguns meses de conversa é possível perceber que o pertencimento e a busca de uma fala política e consciente vêm se estruturando na escola e nos espaços para além dos muros da escola.

E essa consciência de ir contra a imposição do padrão de beleza eurocêntrico e a ideologia de branqueamento sustentando pela sociedade competitiva, principalmente nos espaços urbanos acaba balançando algumas relações com pessoas brancas e a apropriação com o uso de acessórios afros. Outro ponto fundamental de discussão dentro do projeto é a

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos.
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

apropriação cultural que podemos compreender quando Bourdieu escreve “a aquisição da cultura legítima pela familiarização insensível no âmago da família tende a favorecer, de fato, uma experiência encantada da cultura que implica o esquecimento da aquisição e a ignorância dos instrumentos de apropriação.” (BOURDIEU, 2013, p. 10)

O cabelo é simbólico, a pessoa negra sair na rua já é um ato de resistência dentro dos parâmetros conservadores de uma cidade baseada e construída na ideia da democracia racial. O empoderamento tem que se consolidar para além das características e acessórios afros, como os turbantes, blacks, tranças, roupas, não é apenas isso que vai livrar a pessoa negra de sofrer racismo, a estética de resistência em si é o primeiro passo para enfrentamento cotidiano e consciência da sua importância para outras pessoas negras.

(...) favorecer processos de ‘empoderamento’: principalmente orientados aos atores sociais que historicamente tiveram menos poder na sociedade, ou seja, menores possibilidades de influir nas decisões e nos processos coletivos. O ‘empoderamento’ começa por liberar a possibilidade, o poder, a potência que cada pessoa tem, para que ela possa ser sujeito de sua vida e ator social. O ‘empoderamento’ tem também uma dimensão coletiva, trabalha com grupos sociais minoritários, discriminados, marginalizados etc., favorecendo sua organização e participação ativa na sociedade civil (CANDAUI, 2005, p. 35)

Gayatri Chakravorty Spivak, uma intelectual feminista compreende-se também que o discurso de resistência tem que ser compreendido em todos os espaços.

Dessa forma, Spivak desvela o lugar de incômodo e a cumplicidade do intelectual que julga poder falar pelo outro e, por meio dele, construir um discurso de resistência. Agir dessa forma, Spivak argumenta, é reproduzir as estruturas de poder e opressão, mantendo o subalterno silenciado, sem lhe oferecer uma posição, um espaço de onde possa falar e, principalmente, no qual possa ser ouvido. Spivak alerta, portanto, para o perigo de se constituir o outro e o subalterno apenas como objetos de conhecimento por parte de intelectuais que almejam meramente falar pelo outro. (SPIVAK, 2010, p. 14)

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos.
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Conclusão

O projeto de aplicação da lei 10.639/03 vem aos poucos desconstruindo o que muitos livros didáticos oferecem. Um desconhecimento da história afeta essa produção de livros e o próprio currículo escolar. As/os aulas/os saem da escola sem sequer ouvir falar de uma liderança negra. A escola tem que contribuir no processo de afirmação da identidade negra e a escola que desconhece todo o contexto de negritude e africanidade acabam desaguando no “*perigo da história única*”, ideia trabalhada pela escritora nigeriana Chimamanda Adichie Ngozi, “a história única cria estereótipos e o problema com os estereótipos não é eles serem mentira, é serem incompletos. Fazem com que uma história se torne na única história.” (NGOZI, 2008)

A escola por sua vez, que é em sua estrutura mais simples deveria trabalhar como um instrumento transformador sobre as consciências acaba por reproduzir as relações sociais e emoldurando em cada período histórico. E que aprofunda ainda mais a democracia racial de um país, e folcloriza um estudo sobre a diversidade brasileira e a sua história ligadas a África, traçando a ideia de que a África é um único país. O racismo precisa ser compreendido em sua base, como muito bem apontado pela filósofa Djamila Ribeiro, “racismo é um sistema de opressão e, para haver racismo, deve haver relações de poder. Negros não possuem poder institucional para ser racistas. A população negra sofre um histórico de opressão e violência que a exclui.” (RIBEIRO, 2014)

O racismo está profundamente conectado ao sistema capitalista. Não somente afirma a escravidão como constituição social natural, mas tende a favorecer a opressão argumentando favoravelmente pela diversidade de raças, entendendo ser a “raça” negra inferior à branca. Com o avanço da ciência experimental, bem como da eugenia e da biologia, a inferioridade da “raça” africana foi elevada ao patamar de ciência. (SILVA; BERTOLDO 2010, p. 110)

Como conclusão, podemos compreender que a escola tem que ser uma estrutura que trabalhe com a diversidade com embasamento, e não uma estrutura que potencializa a exclusão social da/o aluna/o. É necessário entender que essas discussões vão além dos muros da escola, mas a escola é uma ferramenta importante da inserção da/o aluna/o na sociedade que fortifica o processo de distinção por raça, classe, espaço. Conclui-se que a

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos.
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

escola encontra limites para abordar racismo e identidade nas ações. As práticas pedagógicas necessitam de continuidade. A Lei 10.639/03 existe e cabe aos professores e aos projetos, como o PIBID aplicarem e ampliarem o olhar e a fala de cada aluna/o. Não deveria ser uma lei, ela devia estar a muito tempo em cada pessoa que se propõe a comunicar e trocar experiências com os outros proporcionando o conhecimento, o pertencimento, a afirmação da identidade e a felicidade de ser e estar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A distinção. Crítica social do julgamento.** Porto Alegre: Zouk, 2013

BRASIL. Ministério de Educação. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para educação das relações etnicorraciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana.** Disponível em <http://www.mec.gov.br>. Acesso em 10 de setembro de 2015

CALLINICOS, Alex. **Capitalismo e racismo.** São Paulo: Zahar, 2000

CANDAU, V. M. (org.). **Cultura(s) e educação entre o crítico e o pós-crítico.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005

CUNHA JR. Henrique. Nós, afro-descendentes: história africana e afro-descendente na cultura brasileira. In: Romão, Jeruse (org.). **História da Educação do Negro e outras histórias.** Brasília, 2005

LORDE, Audre. **Não existe hierarquia de opressão.** Disponível em <http://www.geledes.org.br/nao-existe-hierarquia-de-opressao>. Acesso em 10 de setembro de 2015

NGOZI, Chimamanda Adichie. **O perigo da história única.** 2008. Disponível em www.ted.com/talks. Acesso em 10 de setembro de 2015

RIBEIRO, Djamila. Falar em racismo reverso é como acreditar em unicórnios. **Revista Carta Capital**, 2014. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br>. Acesso em 10 de setembro de 2015

SAVIANI, Dermeval. Perspectiva marxiana do problema subjetividade-intersubjetividade. In: DUARTE, Newton. **Crítica ao fetichismo da individualidade.** Campinas: Autores Associados, 2004

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos.
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 2004

SILVA, José Bezerra da; BERTOLDO, Maria Edna. O racismo como subproduto da sociedade de classes. **Revista Espaço Acadêmico**, ano X, no. 112, set. 2010

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1990

SPIVAK, G. C. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987